

ANÁLISE SISTÊMICA DO TURISMO

**Manoela Carrillo Valduga
Dra. Marutschka Martini Moesch**

RESUMO: O presente artigo visa a análise da presença da Teoria Geral dos Sistemas nos autores Mario Carlos Beni e Alberto Sessa. Após um breve resgate da construção do conhecimento no turismo, o artigo traz a visão do sistemismo através de dois de seus principais teóricos: Ludwig von Bertalanffy e Walter Buckley. Esta interface entre os teóricos do sistemismo e os autores do turismo que a utilizam como referencial busca demonstrar, e até certo ponto justificar, sua aplicação metodológica. Este uso se deve a um contexto histórico-científico, político, econômico e social, que, por ter caráter interdisciplinar, holístico e de inter-relação entre o objeto de estudo e o meio em que está inserido, permitiu a apreensão do fenômeno turístico.

PALAVRAS-CHAVE: cientificidade; conhecimento científico; turismo; sistemismo

Introdução:

A cientificidade do Turismo vem sendo discutida ao longo dos últimos anos, sobretudo nas análises funcionalistas e sistêmicas do turismo.

Esta questão não é exclusiva do turismo, várias disciplinas, como por exemplo a psicologia, as ciências sociais, a geografia, e a comunicação entre outras, passaram (ou ainda passam) pela questionabilidade de sua cientificidade, no séc. XX.

O interesse pelo saber é anterior: No século XIX, Descartes, Locke, Hume e Kant já discutiam a razão teórica x razão prática, idealismo x materialismo e racionalismo dedutivo X indução experimental.

No século XX, Piaget inaugura, com a epistemologia genética, o processo de conhecimento como objeto de análise e reflexão científica, colocando a ciência como objeto de conhecimento. De uma forma mais simples, questionando a cognocitividade dos sujeitos, questionando o que pode ser conhecido, como pode ser conhecido, se algum conhecimento é ou não mais válido do que o outro, etc.

As primeiras teorizações sobre o turismo surgem, segundo Fernández Fuster, no século XX. O autor data uma das primeiras definições de turismo em 1911. O economista austríaco Hermann von Schullern zu Schattenhofen escreveu que “turismo é o conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída do turista de um determinado município, país ou estado”. Tal tendência economicista da definição está de acordo com a formação de seu autor e também com a visão da época de turismo, que era considerado como tráfego. Nesta época, os pressupostos são empiristas,

marcados pela verificação estatística.

Fernandez Fuster, é uma dos mais importantes autores sobre o turismo, e até os dias de hoje, encontramos a sua reprodução em diferentes obras sobre turismo. Sua principal contribuição foi o resgate histórico e conceitual do turismo e sua análise funcionalista está de acordo com a época em que escreve. Outros autores funcionalistas que analisam o turismo são Jofre Dumazedier e, que trabalha a teoria compensatória do lazer, já Arthur Halot, caracteriza-se como humanista por acreditar que o turismo cumpre a função de manter a fantasia humana, do encantamento do homem pelo que lhe é estranho, desconhecido, desejos, etc, e Jost Krippendorf assumem uma postura sócio-crítica e analisam também o turismo sob o ponto de vista das teorias de alienação, o primeiro trabalhando o turismo de massa, e o segundo vendo no turismo a oportunidade do homem inserido no determinismo econômico do capitalismo recompor-se da rotina de trabalho e de vida.

Toda teoria funcionalista, segundo Moesch, considera o valor utilitário ou compensatório do turismo, onde o tempo livre é uma compensação ao tempo de trabalho. É um trabalho descritivo-especulativo.

A forma de análise estrutural surge como uma opção de nova abordagem para a ciência do turismo. Convém lembrar que nenhuma corrente teórica substitui a anterior, encerrando sua abordagem, e sim, enriquece o campo das discussões teóricas acerca de qualquer objeto de estudo.

A ciência também não é linear. As diferentes abordagens surgem dentro de um contexto científico, que por sua vez está inserido em um contexto político, social e econômico, e se desenvolvem, muitas vezes concomitantemente, em diferentes campos de conhecimento.

Este artigo aborda a Teoria Geral do Sistema, que faz parte da vertente estruturalista, desde o seu campo de conhecimento de surgimento e conseqüente expansão para diferentes áreas a fim de demarcar a base teórica da análise sistêmica do turismo, analisando sua influência nos autores Mario Beni e Alberto Sessa.

Sistemismo

Considerado o precursor do Sistemismo, Ludwig von Bertalanffy (1901- 1972) fez seus estudos em biologia, com abordagem orgânica, ou seja, uma visão global da vida, oposta a visão mecanicista do conhecimento preponderante na época. Faz aceitar a idéia de que o organismo é um todo maior do que a soma de suas partes. Acredita que a característica de uma forma viva é a

sua organização, e não a análise das partes e dos processos analisados de forma isolada uns dos outros. Tal análise não pode dar uma explicação completa do fenômeno da vida.

Bertalanffy (1972: 29) resume bem esta posição quando escreve:

Uma especialização cada vez mais pormenorizada caracteriza a ciência moderna. Tornou-se necessária pela importância numérica dos dados, da complexidade dos técnicos e das estruturas teóricas, isto em todos os domínios. Inumeráveis disciplinas compõem a ciência e engendram permanentemente subdisciplinas novas. Por consequência, o físico, o biólogo, o psicólogo e o investigador em ciências sociais encontram-se por assim dizer encerrados no seu próprio universo; é difícil trocar uma palavra de um casulo para outro.

O autor afirma a importância da análise da interação dinâmica das partes e também como pertencentes ao todo.

A partir da biologia então, o autor cria a Teoria Geral dos Sistemas, de forma interdisciplinas, com aplicação para as ciências sociais, educação, biologia, psicologia e psiquiatria, matemática, física, etc...

Conceitua uma importante peça da Teoria Geral dos Sistemas, que é a de Sistemas Abertos, que mantém trocas com o seu meio.

Funda em 1954 a Sociedade de Pesquisa Geral dos Sistemas, com as seguintes funções:

- Investigar os conceitos, leis e modelos da mesma forma em vários campos das ciências e ajudar nas trocas úteis entre eles;
- Encorajar o desenvolvimento de modelos teóricos adequados em campos aonde atualmente não existem;
- Minimizar a multiplicação de esforços teóricos em diferentes campos;
- Promover a unidade da ciência mediante a melhoria da comunicação entre os especialistas.

Esta preocupação em entender as partes a partir do todo, onde o universo só pode ser conhecido pela relação entre suas partes dinâmicas, que estão inter-relacionadas e organizadas em sistemas opõe-se ao método analítico, que consiste na demonstração de um modelo concebido a partir dos elementos e base que mostre o real.

Desta forma, o sistemismo realiza sua análise considerando tanto o individualismo (leva em conta a composição) como o holismo (leva em conta a estrutura da organização).

Sob o ponto de vista do estrutural-funcionalismo, ou funcionalistas sistêmicos, como

Parsons, tanto os indivíduos que compõe os diversos sistemas quanto os próprios sistemas buscam a funcionalidade da estrutura social.

Conceito de Sistema Social de Talcot Parsons (1966):

- Constituído pela interação de indivíduos humanos;
- Cada membro é ator (que tem objetivos, idéias, atitude, etc..) e objeto de orientação, tanto para si mesmo como em relação aos demais atores;
- É um aspecto analítico que pode ser abstraído dos processos totais de ação de seus participantes;
- Pressuposição de ordem e conseqüente equilíbrio nos sistemas;

Modelo:

Adaptação

Go (busca de objetivos)

Integração

Latência (manutenção dos objetivos)

Características	<i>INDIVÍDUO</i>	Coletivo	<i>SUBSISTEMAS</i>
Adaptação	<i>PAPEIS</i>	Economia	<i>BIOLÓGICO</i>
Go	<i>COLETIVIDADE</i>	Política	<i>PSICOLÓGICO</i>
Integração	<i>NORMAS</i>	Direito	<i>SOCIAL</i>
Latência	<i>VALORES</i>	Moral	<i>CULTURAL</i>

Manoela Valduga, 2005

Walter Buckley (1993), contemporâneo a Bertalanffy e também sistemista apresenta as seguintes principais idéias:

- O conceito de sistema é “semeado” antes, mas floresce durante a Segunda Guerra Mundial;
- Objetivo do autor: criar um modelo de sistema social diferente dos de equilíbrio mecânico e orgânico, para acompanhar a complexidade e dinâmica do sistema sócio-cultural;
- Importância do Marco Teórico: teoria do equilíbrio, do consenso e funcional. Crítica ao empirismo;
- Crítica ao funcionalismo: Parsons não dá conta das mudanças conseqüentes do choque de estruturas ou sub-culturas relativamente estáveis e dentro do sistema. Segundo o funcionalismo, as condutas (dos indivíduos) satisfazem as necessidades dadas, nas condições dadas, do modo mais adequado possível - “sociedade ideal”;
- Estudo científico da sociologia e da teoria moderna de sistemas: os conjuntos e os modos

de aborda-los respeitando seu caráter, análise geral da organização - a relação complexa e dinâmica das partes, os problemas de troca com o meio;

- Integração interdisciplinar (posta como novidade na teoria moderna dos sistemas)
- Principais termos: input (entrada/insumo), output (saída/produto), feedback (retroalimentação), limite e sistema.
- Sistemas de tipos substancialmente distintos apresentam diferenças estruturais que devem ser apontadas, embora apresente semelhanças;
- Característica do Sistema Aberto: intercâmbio com o meio, capacidade reprodutiva ou de continuidade e capacidade de transformação.

Contemporâneos, tanto Buckley como Bertalanffy utilizam referencial teórico um de outro. Bertalanffy afirma ter iniciado suas teorias sobre o sistemismo na década de 20, mas não pode publicá-la por ser demasiado inovadora para a época.

Segundo BARBOSA (2001) a obra de Piaget é fundamental para a visão sistêmica, através da capacidade de abstração. Segundo a autora, a abstração é, ao mesmo tempo, um processo de comparação e generalização, fragmentando o todo em partes, dando início ao processo sistêmico de conhecimento. A abstração só é possível na fase das operações-concretas, onde abstrair para o conhecimento racional sistêmico significa diferenciar e comparar para encontrar, entre as diferenças aparentes, as similaridades, padrões de regularidades que possibilitem a generalização. Assim, a estrutura e o sistema designam padrões e regularidades, e identificam o aleatório, possibilitando diferenciações e comparações.

Para Piaget, segundo BARBOSA (2001), a estrutura é um conjunto de elementos e os sistemas são as suas ligações internas e interdependentes, entre estes elementos, com relações de auto-regulação e transformação.

A transposição metodológica da teoria dos sistemas para o Turismo

a) Mario Beni:

Em sua análise estrutural do turismo, Beni leva em conta a complexidade do turismo para que este não seja considerado apenas um aspecto do setor econômico, mas sim protagonista de um sistema próprio.

O autor considera o Turismo um processo humano, ultrapassa o entendimento como função de um sistema econômico. Para ele, uma análise da estrutura de toda atividade, seja da

natureza, seja do homem, requer, antes de tudo, o estabelecimento de limites no contexto em que ela se processa. Dessa forma, define a análise estrutural como “a observação rigorosa e metódica do campo de abrangência da atividade, ou seja, dos elementos ordenados e inter-relacionados de forma dinâmica que o integram”.

Beni coloca como prerrogativa para o bem entendimento do sistema turístico, bem, como do sistemismo em geral, a necessidade de uma visão que seja ao mesmo tempo analítica e globalizante, indutiva, dedutiva e interativa. Deve ser também multidimensional, multicompreensiva e multidisciplinar na configuração da totalidade de seu campo de estudo e de suas partes componentes, articuladas entre si.

De acordo BARBOSA (2001), aqueles que acompanham a história da ciência sabem que as grandes descobertas se fazem por intuições, por apreensões de idéias gerais sobre o objeto de investigação. Dessa forma, acredita que a construção do conhecimento se dá a partir da observação do todo, para seguidamente analisar as partes, componentes deste todo. É a partir dos anos 80 que a análise dos conjuntos passa a não dar conta da totalidade nos estudos teóricos, crescendo a importância do método holístico na ciência.

A teoria geral de sistemas, dá importância a esta questão, falando, além da visão holística da análise dos sistemas, da interdisciplinariedade. Para Beni, este é um moderno conceito estabelecido, afirmando que cada variável, em um sistema, interage com as outras variáveis de forma tão completa que causa e efeito, não podem ser separados, onde uma única variável pode ser causa e efeito ao mesmo tempo. Para o autor, realidade não é estática, está em constante movimento, e pode ser desmembrada. Como exemplo, nos diz que é possível entender uma célula, a estrutura de um cérebro, a família, uma cultura ou o turismo se forem isolados de seus contextos.

A sua abordagem sistêmica dinâmica e interpretativa, não se limita a descrição da situação, mas tende a evidenciar os mecanismos pelos quais os vários estágios do desenvolvimento turístico têm sido alcançados e a desvendar as relações que existem entre os componentes do processo.

Por ser o turismo, portanto, como resultado do somatório de recursos naturais do meio ambiente, culturais, sociais e econômicos, uma atividade que requer um campo de estudo superabrangente, complexíssimo e pluricausal, pode ser estudado sob o olhar do sistemismo.

A definição de sistema de Beni é como um conjunto de partes que atingem um

determinado fim através de sua interação, de acordo com um plano ou princípio; ou conjunto de procedimentos, doutrinas ou princípios, logicamente ordenados e coesos com intenção de descrever, explicar ou dirigir o funcionamento de um todo.

Beni acredita que organizar o turismo dentro de um sistema seja a melhor forma de compreender o que ele chama de “imenso complexo de fatores” onde causas e efeitos são intervenientes, não se podendo afirmar com certeza, ante mera investigação simplista, que fatores decidem a atividade turística e quais os que não a determinam.

Para Beni, os componentes de um sistema devem ser:

Meio ambiente - conjunto de todos os objetos que não fazem parte do sistema em questão, mas que exercem influências sobre a operação do mesmo;

Elementos ou unidades - as partes componentes do sistema;

Relações - os elementos integrantes do sistema encontram-se inter-relacionados, uns dependendo dos outros, por meio de ligações que denunciam os fluxos;

Atributos - são as qualidades que se atribuem aos elementos ou ao sistema, a fim de caracterizá-los;

Entrada (input) - constituída por aquilo que o sistema recebe. Cada sistema é alimentado por determinados tipos de entrada;

Saída (output) - produto final dos processos de transformação a que se submete o conteúdo da entrada;

Realimentação (feedback) - processo de controle para manter o sistema em equilíbrio;

Modelo - é a representação do sistema. Constitui uma abstração para facilitar o projeto e/ou análise do sistema. É utilizado por dois motivos básicos: porque simplifica o estudo do sistema, permitindo a análise de causa e efeito entre os seus elementos para conclusões de maior precisão; e pela impossibilidade de abranger a complexa totalidade das características e aspectos da realidade objeto de estudo.

O Sistema Turístico, ou SISTUR, é composto por:

Conjunto das Relações Ambientais:

- Sistema Ecológico
- Sistema Cultural
- Sistema Econômico
- Sistema Social

Conjunto da Organização Estrutural

- Super-Estrutura
- Infra-Estrutura

Conjunto das Ações Operacionais

- Mercado
- Distribuição
- Produção
- Consumo
- Oferta Turística
- Demanda Turística

b) Alberto Sessa:

Para Sessa, as explicações empiricistas e funcionalistas do turismo não dão conta da importância social e econômica da atividade, nem aprofundam o estudo das suas causas e efeitos. Acredita que faltaram estudos sistemáticos para aperfeiçoar e completar a teoria do turismo como um todo, de forma holística

De origem das ciências econômicas, o autor alerta para os estudos feitos sob orientação da economia política, em relação ao atraso das análises sociológicas, psicológicas e antropológicas necessárias em função da caráter multidisciplinar do turismo. O epicentro do turismo é o homem e conseqüentemente sua relação com o meio em que está inserido, aspecto que garante o pertencimento do objeto do turismo às ciências sociais. Isso não exclui seu caráter científico e, ainda para o autor, se o turismo não originar uma nova ciência social, será objeto de estudo de várias disciplinas. O autor salienta também a necessidade de um método turístico que de conta da questão acerca dos benefícios e dos custos da atividade turística a nível macroeconômico e social.

Sua visão sistêmica do turismo utiliza a abordagem de Leiper (MOESCH: 2004), onde o sistema é composto pelos seguintes elementos inter-relacionados em conexões funcionais e espaciais :

- os turistas
- as vias de trânsito

- as regiões de destino
- a indústria

Estas relações geram impactos econômicos, sociais e culturais e este impacto é que vai gerar o estabelecimento, pelo poder público, o estabelecimento de políticas para o turismo.

A abordagem de Sessa fundamentada por van Doorn (MOESCH: 2004) trás uma novidade, que é o contexto social do turismo, que são as mudanças tecnológicas e socioculturais causadas pelo fluxo turístico. A noção de indústria turística, chamada de quadro intermediária e que abarca todos os serviços intermediários utilizados pelos turistas, que substitui e abrange a categoria anterior de “vias de transito” e as “regiões de destino” são denominadas de oferta de recursos turísticos. O elemento chave, ou o *in-* put do sistema mantém-se sem modificações: o turista.

De acordo com a visão do autor de que o turismo pode gerar desenvolvimento regional, a definição de sistema turístico é a de “um sistema global que deve ser reatado a seu desenvolvimento regional.” (Moesch: 2004, pg 171)

Assim como a atividade turística, o sistema, de uma forma metodológica , é de caráter dinâmico e pode ser auto-regulador ou não, além de ter caráter espacial, no tempo e no espaço. O autor também considera o sistema turístico (regional) um sistema aberto, caracterizado por manter trocas e inter-relações com o exterior. Justifica sua abordagem sistêmica pela intenção científica de expressar a realidade em um sistema que explicitasse as inter-relações do sistema regional turístico com os sistemas reais, conceituais e abstratos.

O autor elenca os vários sistemas que têm inter-face com o turístico: o ecológico, o sócio-familiar, o educativo, o da ciência, o da cultura e o econômico. A especificidade, originalidade e singularidade do resultado das inter-relações entre o sistema turístico com todos (e cada um deles) os sistemas citados, mas a relação entre eles mesmos dá o caráter custoso a sua recomposição.

Para Sessa, a abordagem sistêmica, por ser global, poderia representar uma revolução na abordagem do turismo. Para ele, a cientificidade do turismo, sob paradigma sistêmico, pode auxiliar no planejamento público e privado do turismo.

Moesch lembra que a posição de crer que o método, por si, possa dar conta da realidade de maneira real é demasiado positivista, sobretudo por não dar conta da complexidade do protagonista do fenômeno: o turista, que é um ser-humano, recheado de contradições e

subjetividades. Para a autora, Sessa se preocupa com a construção de um modelo universal de abordagem sistêmica, com caráter funcional e dedutivo, buscando a cientificidade do fenômeno turístico, mas sem formular ele mesmo uma teoria do turismo.

A complexidade da apreensão do fenômeno turístico- um caminho a trilhar

Assim ,como Buckley e Bertalanffy, Beni e Sessa também reproduzem suas análises do turismo em tempos sincronicos, mas em espaços distantes: o primeiro no Brasil e o segundo na Itália. Foi em 1982, em um Seminário Internacional em Roma, na Itália, que os dois teóricos se encontraram e reconheceram a se melhança em suas abordagens metodológicas.

Isto não é apenas coincidência, mas sim resultado de um contexto histórico-científico, político, econômico e social, no qual a ciência se insere e é construída.

Ambos autores vivenciam o desenvolvimento do capitalismo, em graus diferentes, sobretudo por estarem em contextos sociais diferentes. Para Sessa portando, estava mais do que coerente identificar, por exemplo, o pólo turístico como espaço que estava contemplado a partir da construção hoteleira, sendo pré-requisito para a categoria de pólo sua existência. Conceito que tem sua origem na transposição de pólo industrial, perpetuando assim a concepção do turismo como uma indústria. Isto significava dar valor a atividade turística, quando o setor de serviços ainda não estava no avanço atual, e os benefícios do capitalismo ainda não ofuscavam sua incapacidade de manter: empregabilidade, bem estar social, desenvolvimento econômico, de forma irrestritas a todos os países.

O próprio termo “desenvolvimento” estava em voga, e as teorias desenvolvimentistas estabeleciam, segundo Badie (1990), uma estreita relação de causalidade entre o crescimento da economia (capitalista) diversificada e competitiva e da mudança política. Dessa forma, a industrialização, o crescimento exepcional do nível de vida e diminuição das pressões políticas potencialmente destruidoras da ordem estabelecida das classes médias e operárias geradas pelo capitalismo levariam a uma sociedade mais justa e equitativa, onde a intervenção política poderia tornar-se democrática e voltada a todos, enfim, um mundo quase perfeito.

Ora, tal teoria parece o rumo certo para a Europa e uma luz no final do túnel dos países periféricos que viviam em ditaduras (praticamente toda a América Latina), com baixo grau de inclusão no modelo central.

Atualmente, Beni reconstrói sua posição inicial de conceituar o turismo uma indústria e

nos diz que o fenômeno turístico não pode ser assim considerado ,porque não há transformação de matéria-prima no processo turístico.

Além da contribuição metodológica da análise sistêmica ao entendimento do turismo, me parece que há um ponto específico que justifica mais do que a época científica e identificação deste paradigma (ou pré-paradigma, segundo Moesch) que é a noção de retroalimentação contida na Teoria Geral dos Sistemas. Esta noção confunde, na medida que funde, a causa e o efeito do objeto estudado. Esta característica mostra-se extremamente propícia a análise sistêmica do turismo, onde temos sempre a dualidade entre oferta x demanda, visitante x visitado, global x local, uso x preservação, tempo de lazer x tempo de trabalho Apesar destas relações antagônicas, dentro da dinâmica complexa da atividade turística, é tarefa de explicação destas práticas delimitando aonde uma começa e a outra termina, quais os momentos de justaposição, de distanciamento e, concluindo com o termo citado, aonde está a causa e aonde está o efeito.

O sistemismo apresenta uma abordagem metodológica competente para este problema na medida em que concebido como sistema aberto interage com o meio, interagindo com outros sistemas e subsistemas e sobretudo pela noção de retroalimentação.

A insuficiência da teoria sistêmica e seus modelos explicativos do turismo recorre por sua não complexidade na abordagem do fenômeno turístico, como em seu caráter interdisciplinar , mas a partir dessa premissa teceremos outros diálogos epistemológicos.

Referências Bibliográficas

BABIE, B & HERMET, G. Política Comparada. México. Fondo de Cultura Económica, 1990.

BARBOSA, Eva. Teoria Social: Desafios de uma Nova Era. in: Cadernos de Sociologia, nº 10. Porto Alegre, EDUFRGS, 2001.

BENI, Mario Carlos. Análise Estrutural do Turismo. São Paulo. SENAC, 2001.

BERTALANFFY, Ludwig von. Teoria Geral dos Sistemas. Petrópolis. Editoras Vozes, 1972.

BUCKLEY, Walter. La Sociologia y la Teoría moderna de los sistemas. Buenos Aires. Amarrortu Editores, 1993.

MOESCH, Marutschka. Epistemologia Social do Turismo. Tese de Título de Doutorado. São Paulo. ECA/USP, 2004.

PARSONS, Talcot. Sociedades: Perspectivas Evolutivas e Comparativas. São Paulo. Pioneira, 1966